

**Trabalho e Subjetividade dos Garis: Uma Análise Psicodinâmica do Trabalho dos Varredores de Rua**

**EDWARD HUMBERTO GUIMARÃES JÚNIOR**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

## **Trabalho e Subjetividade dos Garis: Uma Análise Psicodinâmica do Trabalho dos Varredores de Rua**

### **Resumo**

Os serviços públicos de limpeza urbana são imprescindíveis para a redução dos impactos negativos ao ambiente e a saúde da população. O objetivo deste estudo é descrever e analisar as vivências concretas de trabalho dos garis, responsáveis por varrerem as vias e espaços públicos urbanos, tendo como corrente teórica-metodológica a Psicodinâmica do Trabalho. Foram realizadas três sessões coletivas com duração de uma hora cada. Participaram da pesquisa seis garis da Companhia de Urbanização de Goiânia (COMURG). Para a condução das sessões, foi utilizado um roteiro semiestruturado elaborado com base nas categorias identificadas na revisão da literatura, sendo elas: organização do trabalho; prazer e sofrimento; estratégias de enfrentamento; e saúde e adoecimento no trabalho. A organização do trabalho se constitui em percorrer um longo trajeto nas ruas da cidade, falta de equipamentos e condições sanitárias mínimas. As vivências de prazer se apoiam no relacionamento com os colegas, já as vivências de sofrimento se constituem na falta de apoio da sociedade e medo decorrente da exposição ao perigo. Como estratégias de enfrentamento eles fazem demonstrações de humor, fé religiosa, esperança e apreço pela profissão. Quanto à saúde e adoecimento no trabalho, são acometidos por dores nas pernas e problemas na coluna.

**Palavras-chave:** Psicodinâmica do Trabalho; Varredores de Rua; Gari

### **Introdução**

Diversos serviços públicos são necessários para atender a demanda da população, dentre eles; a limpeza urbana e a coleta de lixo. Para Gouveia (2012), o lixo é resultado da atividade humana de descarte de materiais sólidos e tem sua origem conforme o tipo de resíduo produzido, seja ele residencial, público ou ainda advindo do comércio. Tendo em vista a intensificação e crescimento da atividade populacional urbana, a realidade atual indica uma demanda cada vez maior pelas atividades de limpeza urbana como fator essencial à qualidade de vida da população.

Estudos revelam os riscos ligados a atividade de coleta de resíduos, como: fatores físicos, químicos, biológicos, sociais e ergonômicos, que podem acarretar problemas à saúde do trabalhador, tais como doenças cardiovasculares, respiratórias, perdas auditivas, lesões, entre outras (MADRUGA, 2002; PAVELSKI, 2004; ROBAZZI; BECHELLI, 1985; ROBAZZI et al., 1992; SILVA, 1983). Segundo Madruga e Loureiro (2002) os profissionais que coletam o lixo encontram-se constantemente sob elevada carga psíquica devido à grande atenção demandada pela atividade, ritmo desgastante de trabalho, falta de valorização, insegurança, incômodo gerado pelos ruídos e o desgaste emocional e físico.

Os trabalhadores da limpeza urbana são conhecidos popularmente no Brasil como “garis”. A origem do nome remonta à década de 70, quando Pedro Aleixo Gary iniciou um contrato de limpeza Pública no Rio de Janeiro com o Ministério Imperial e depois do vencimento do contrato, seu primo, Luciano Gary também entrou na atividade de remoção de lixo das casas e praias da cidade carioca. Em 1892 foi fundada a “Superintendência de Limpeza Pública e Particular” do Rio. Os moradores chamavam a turma do Gary para realizar a limpeza das ruas, desde então o nome continua a designar os profissionais que exercem as atividades de limpeza das cidades em todo o Brasil (SOUS, 2018).

Segundo dados mais recentes do site da Prefeitura de Goiânia do ano de 2018, há mais de 5.800 agentes de limpeza que realizam o cuidado e conservação da limpeza da cidade. As equipes de trabalhadores da Companhia se dividem nas atividades de varrição, remoção de entulho, rastelagem de ruas, capinação e roçagem, coleta de resíduo orgânico doméstico, empresarial e hospitalar municipal, e manutenção de espaços públicos (SOUS, 2018).

A Companhia de Urbanização de Goiânia (COMURG), empresa de economia mista, é responsável pela limpeza urbana na cidade onde o estudo foi realizado, tendo iniciado as suas atividades em 1979. Os garis são admitidos na companhia via concurso público municipal. Com base na Classificação Brasileira de Ocupações, a classe trabalhadora se encaixa nas categorias de varredor de rua (CBO 5142-15) e trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas (CBO 5142-25), pois são responsáveis pela coleta de resíduos sólidos, limpeza, conservação e preservação das áreas públicas, tais como: ruas, avenidas, parques públicos, praças e canteiros.

O objetivo deste estudo é descrever e analisar as vivências concretas de trabalho dos garis, responsáveis por varrerem as vias e espaços públicos urbanos, tendo como corrente teórica-metodológica a Psicodinâmica do Trabalho, compreendendo as categorias identificadas na revisão da literatura, sendo elas: organização do trabalho; prazer e sofrimento; estratégias de enfrentamento; e saúde e adoecimento no trabalho. A pesquisa pautou-se em compreender as vivências de trabalho à partir da fala dos trabalhadores em um espaço de discussão coletivo, conforme proposto pela abordagem teórica-metodológica da Psicodinâmica do Trabalho.

### **A abordagem teórica-metodológica da Psicodinâmica do Trabalho**

Para Dejours (2004), a psicodinâmica do trabalho é uma teoria científica baseada no reconhecimento da ligação existente entre o trabalho e a saúde mental dos indivíduos. Mendes (2007), explica que a teoria parte da compreensão da relação dinâmica existente entre a organização do trabalho e os mecanismos de subjetivação elaborado pelos trabalhadores, notórias nas vivências de prazer e sofrimento, e nas estratégias de defesa desenvolvidas para lidar com as divergências da organização do trabalho, e com o processo de adoecimento no trabalho.

A corrente teórica-metodológica da psicodinâmica do trabalho possibilita uma melhor compreensão acerca da dinâmica do trabalho e, conseqüentemente, torna-se mecanismo para identificação e análise de quais efeitos a organização do trabalho gera na saúde psíquica do profissional, e mais ainda, proporcionando a identificação destes efeitos em sua fase inicial. Compreende-se pela organização do trabalho a divisão de tarefas e homens na jornada de trabalho. Está ligada ao gerenciamento, qualidade das relações, exigências, e demais orientações da instituição na instrução de desenvolvimento das atividades para o trabalhador (ANJOS, 2013).

Ainda que o trabalho prescrito seja detalhado, a realidade do trabalhar traz consigo acontecimentos inesperados, constituindo o trabalho real. Para a psicodinâmica do trabalho o trabalho prescrito se diverge do real à medida que as orientações do trabalho prescrito são diferentes das atividades desempenhadas pelo trabalhador na realidade (DEJOURS, 2011). A rigidez na organização do trabalho acarreta sofrimento (DEJOURS, 2011), todavia o sujeito pode transformar o sofrimento em prazer pela subversão da prescrição (DEJOURS, 2012), construindo as estratégias defensivas.

A mobilização subjetiva constitui-se como um mecanismo adotado para enfrentar o sofrimento no trabalho, por meio dela o sujeito atribui sentido ao seu trabalho. Diferentemente

das outras estratégias defensivas, que negam ou minimizam o sofrimento, a mobilização subjetiva possibilita a ressignificação do sofrimento (MENDES, 2007). A mobilização subjetiva se associa a quatro dimensões: a inteligência prática, cooperação e reconhecimento, e espaço de discussão (MENDES & DUARTE, 2013).

Conforme preconizado por Dejours (1994) as respostas coletivas constituem mecanismos de defesa e o uso delas é uma forma de luta contra as angústias advindas das situações de trabalho. Assim as estratégias de enfrentamento objetivam diminuir o sofrimento no trabalho, protegendo o indivíduo de situações que ameaçam seu funcionamento psicológico. As estratégias podem ser coletivas, dependentes de condições externas reais para se formarem e se sustentar na opinião do grupo de trabalhadores específicos. Ou podem ser ainda estratégias de defesa individuais, a condição ameaçadora existe internamente, interiorizada no indivíduo. (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

Segundo Dejours (2017) as estratégias de enfrentamento são construídas pelo conjunto de trabalhadores, que contribuem para criar o coletivo do trabalho. A partir deste coletivo eles partilham condutas ante ao perigo e risco da atividade. Trata-se de uma complexa metodologia de defesa para enfrentar o medo tornando possível a realização de suas atividades de trabalho.

A fala dos trabalhadores nos espaços de discussão coletivos torna-se um fator essencial para que o grupo de trabalhadores discutam a respeito da dimensão subjetiva de seu trabalho. Eles ampliam o entendimento do seu trabalho e a percepção dele, ao realizarem a fala, escuta e reflexão dentro do contexto coletivo de debate. Isto auxilia o indivíduo a definir melhor suas ações relacionadas aos fatores que potencializam o sofrimento no trabalho, repensando a organização do seu trabalho e sugerindo possíveis modificações (GHIZONI et. al, 20145).

O método proposto pela Psicodinâmica do trabalho pretende compreender as relações de trabalho vivenciadas rotineiramente pelos trabalhadores, conforme exposto por GHIZONI et al. 2015:

As relações dinâmicas entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação – modos de pensar, sentir e agir dos trabalhadores, tanto individualmente quanto coletivamente – são os objetos de estudo dessa abordagem. Além disso, busca-se compreender como esse vínculo com o trabalho se manifesta nas vivências de prazer e sofrimento, nas estratégias de ação para mediar as contradições encontradas na organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento. Trata-se, portanto, de uma abordagem que estuda as relações entre saúde mental e trabalho, assim como de uma metodologia que une pesquisa e intervenção (GHIZONI et al, 2015, p. 74-94).

Assim, este estudo pautou-se na criação de um espaço de discussão coletivo com um grupo de trabalhadores que exercem a função de varredores, na Companhia de Urbanização de Goiânia, apoiando-se na escuta e reflexão sobre o diálogo dos trabalhadores para a compreensão dos aspectos subjetivos que são vivenciados em contexto real de trabalho. Os aspectos metodológicos são apresentados no capítulo a seguir.

## **Metodologia**

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar as vivências concretas de trabalho dos garis, responsáveis por varrerem as vias e espaços públicos urbanos, tendo como corrente teórica-metodológica a Psicodinâmica do Trabalho. A pesquisa adotou o caráter qualitativo descritivo exploratório apoiado na corrente teórica-metodológica da Psicodinâmica do trabalho, conforme preconizado por Christophe Dejours. A metodologia proposta contemplou a

investigação e interpretação da fala dos trabalhadores, que permitiu compreender a realidade das vivências de trabalho do indivíduo, para então interpretar, por meio dos significados ofertados às falas, quais são os sofrimentos vivenciados no contexto de trabalho (MENDES E ARAÚJO, 2012).

Como estratégia de aproximação do coletivo de pesquisa, foi realizado um primeiro contato através de uma visita à gerência da organização, ocasião na qual o gerente da base previamente autorizou a realização da pesquisa com os trabalhadores. Na fase inicial de execução da pesquisa foi apresentada aos participantes uma carta convite para devida formalização da participação livre e esclarecida dos trabalhadores na pesquisa.

A coleta dos dados, compreendendo as falas dos trabalhadores, desenvolveu-se a partir da criação de um espaço de discussão coletivo, conforme proposto pela Psicodinâmica do Trabalho, sendo realizadas três sessões coletivas, com duração média de uma hora corrida cada, em uma das sedes de trabalho dos garis. Ao total participaram seis trabalhadores, sendo duas do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Todos eles possuem escolaridade de nível médio, com mais de três anos na atividade junto a equipe que realiza a varrição das ruas e que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa, sob aceite do termo de consentimento livre e esclarecido.

As sessões coletivas com os trabalhadores foram previamente agendadas com o coletivo de trabalhadores, tendo sido gravadas e transcritas na íntegra. No primeiro e segundo dia, apenas 5 trabalhadores participaram, e no último dia o total de 6 trabalhadores participaram da pesquisa. Para a condução das sessões, foi utilizado um roteiro semiestruturado elaborado com base nas categorias identificadas na revisão da literatura, sendo elas: organização do trabalho; prazer e sofrimento; estratégias de enfrentamento; e saúde e adoecimento no trabalho.

O conteúdo da pesquisa foi submetido à técnica da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que possibilitou a organização do corpus de pesquisa nas categorias investigadas e a análise dos conteúdos das falas dos trabalhadores. Alguns trechos das falas dos trabalhadores foram selecionados e apresentados durante o capítulo de análise e discussão dos resultados deste estudo, como forma de evidenciar as análises feitas a partir dos dados coletados durante as sessões com os trabalhadores.

#### Quadro 1- Perfil dos participantes da pesquisa

<b>Participante P1:</b> O participante P1 tem 50 anos de idade, do sexo masculino, é casado e possui quatro filhos. Sua renda mensal conjunta com sua família é de aproximadamente cinco salários-mínimos, e possui o ensino médio completo. Trabalha há oito anos na atividade de varrição.
<b>Participante P2:</b> O participante P2 tem 61 anos de idade, do sexo masculino, é separado e possui dois filhos. Sua renda familiar total é de aproximadamente dois salários-mínimos. Possui o ensino médio completo e trabalha há vinte e três anos na atividade de varrição.
<b>Participante P3:</b> O participante P3 tem 33 anos de idade, do sexo masculino, é casado e não tem filhos. Sua renda familiar mensal é de aproximadamente dois salários-mínimos. Possui o ensino médio completo e exerce a atividade de varrição há seis anos.
<b>Participante P4:</b> A participante P4 tem 31 anos de idade, do sexo feminino, é solteira e possui quatro filhos. Sua renda familiar mensal não ultrapassa dois salários-mínimos. Possui o ensino fundamental e trabalha há oito anos na atividade de varrição.
<b>Participante P5:</b>

O participante P5 tem 54 anos de idade, do sexo masculino, é casado e possui um filho. Sua renda familiar mensal é de aproximadamente dois salários mínimos. Possui o ensino médio completo e realiza a atividade de varrição há um total de quatorze anos.

**Participante P6:**

A participante P6 possui 62 anos de idade, do sexo feminino, é separada e possui dois filhos. Sua renda familiar mensal é de aproximadamente três salários-mínimos. Possui o ensino médio completo e trabalha há quinze anos na atividade de varrição.

Fonte: Elaborado pelo autor

O Quadro 2, sintetiza os dados sociodemográficos dos trabalhadores que participaram do estudo.

Quadro 2- Dados sociodemográficos dos participantes (N=6) que compuseram o estudo

<b>Dados sociodemográficos</b>	<b>N</b>
<b>Estado Civil</b>	
Solteiro(a)	1
Casado(a)	3
Separado(a)	2
<b>Faixa Etária</b>	
30 a 40 anos	2
41 a 50 anos	1
51 ou mais	3
<b>Sexo</b>	
Masculino	4
Feminino	2
<b>Escolaridade</b>	
Fundamental	5
Médio Completo	1
<b>Renda Mensal Média</b>	
Até 2 salários mínimos	4
3 a 4 salários-mínimos	1
> 5 salários mínimos	1
<b>Tempo na profissão</b>	
5 a 10 anos	3
11 a 20 anos	2
21 anos ou mais	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

## **Análise e discussão dos resultados**

### **a) A organização do trabalho dos Garis**

Os garis da varrição que compuseram o coletivo desta pesquisa, realizam a limpeza pública na cidade de Goiânia. Para efeitos logísticos, todos os trabalhadores da COMURG estão distribuídos em aproximadamente 30 pontos de apoio e cada equipe de dois ou mais integrantes atendem os bairros e setores próximos ao ponto de apoio em que estão alocados. Periodicamente eles recebem do gestor do seu ponto de apoio um percurso a ser realizado de 1600 metros, mas se realizem o percurso antes do horário fixado para saída, podem encerrar sua atividade naquele dia.

A jornada de trabalho revela que há uma sobrecarga de trabalho, fazendo com que os trabalhadores busquem se adaptar a carga e ao ritmo da atividade, objetivando encerrar suas atividades antes e regressarem mais cedo para seus lares.

O horário é das 7:00 às 16:00, e a gente tem um período de almoço que é das 11:00 às 12:00 e a gente volta a trabalhar. Atualmente era até 15:50 (a saída) e já tem bastante tempo que está respeitando esse horário né [...]. Ultimamente eles fizeram tipo o mapeamento, dando o direito do funcionário trabalhar acho que é 1600 metros e enviou um monte de papel com o circuito entregue para cada um dos funcionários seguirem aquele circuito que foi passado. Deu também autonomia para o funcionário que tá exercendo o trabalho, quem terminou aquele circuito poderia retornar ao seu local de apoio, se identificar e se retirar. É, mais isso é o controle. (P2).

Ou seja, se você fez aquele 1600 metros e terminou você pode ir embora. (P4).

Os trabalhadores estão sujeitos a uma norma e controle em que apesar de receberam da chefia uma certa autonomia com relação a jornada de trabalho, eles precisam retornar ao ponto de apoio para se identificarem antes de sair. Percebe-se uma suposta liberdade mantida sob controle da chefia. Outro ponto que revela a sobrecarga de trabalho, é a redução de pessoal em detrimento da grande demanda, o que leva o funcionário mais uma vez se adaptar a carga de trabalho.

A empresa há 30, 20 anos atrás tinha 35 mil servidores, então a cidade praticamente era muito limpa, hoje só tem 5,6,7 mil, então quer dizer: a cidade é muito grande, é muitos bairros para o gari manter limpa. Para você ter ideia essas praças ela tinha um gari para tomar conta da praça hoje não tem mais, sabe como que é? Então muita dificuldade, mas a gente tá dando conta de fazer o que tem que fazer. (P1).

A expansão das áreas urbanas gera uma necessidade de contratação de mais trabalhadores que realizam a varrição, no entanto, segundo os entrevistados, no decorrer dos anos houve uma redução no quadro de funcionários, fato que gera sobrecarga sobre aqueles que permanecem na realização da atividade. Além da meta exposta no trecho de 1600 metros, o trabalhador ainda precisa se deslocar até o início do trecho em que irá realizar suas atividades, na maior parte das vezes, andando. Na prática o caminho percorrido pelos trabalhadores excede a regra, pois eles caminham até o início do percurso e varrem o percurso, que seria de 1600, de ambos os lados de cada rua. Divergindo do trabalho prescrito e revelando outro ponto da sobrecarga de trabalho sob a qual estão submetidos.

Você gasta 1:30 há 2:00 horas para você chegar no trecho (P4).

Mas eles medem só um lado da rua, então faz os dois lados (P4).

1600 metros pra eles, pra gente é quase 5000 metros, porque 1000 metro de um lado, com 1000 de outro, dá 2 mil metros. A matemática deles lá, é onda demais (P1).

Com relação ao deslocamento até o ponto de início do percurso, a maioria vai a pé ou de bicicleta. Revelando a necessidade de um meio de transporte para os trabalhadores, e a dificuldade imposta pelo real do trabalho.

De momento a gente faz e trajeto em caminhada só pra você ter uma noção, você conhece bem aqui o setor? Não só pra você ver, aqui tem vez que, não é todos, mais tem aquele que vai lá pra avenida Rio verde perto do terminal Cruzeiro, aí sai daqui 07:00 horas, o funcionário sai daqui e pega esse trajeto assim na caminhada, porque de primeiro nós tínhamos o carro próprio pra levar o funcionário, de momento nós estamos fazendo a pé.(P2).

Outra situação a que os trabalhadores estão sujeitos ocorre quando chove. A depender da intensidade da chuva eles podem parar e se abrigar debaixo de algum local, até que a chuva passe. Ao chover o trabalhador precisa utilizar de sua inteligência prática para criar meios e condições para realizar sua atividade mesmo ante as adversidades do trabalho (DEJOURS, 2004).

A palavra é essa; a gente não é obrigado a trabalhar na chuva, mas se você tem proteção, nois tem uma capa. Se ela engrossou é óbvio que nois temos o direito de se recolher (P2).

Trabalha na chuva, ou se tiver grossa demais você esconde e espera passar porque eles dão a capa né, aí quando ta fininho você vai. (P4).

Alguns trabalhadores almoçam ao terminar seu percurso em sua casa, outros almoçam nas ruas mesmo, compram ou esquentam a comida que levam de casa. Compreende-se que há um risco à saúde do trabalhador, ocasionado pela precarização das condições de trabalho, pois a falta de horário e local adequado para almoço, acarreta, em alguns casos, a falta de alimentação adequada e conseqüentemente, possíveis danos à saúde do trabalhador.

Aí eu faço os meus 1600 metros, venho bato meu ponto e vou embora, geralmente eu nem almoço não, almoço em casa. (P4).

Outra condição precária de trabalho é o difícil acesso aos sanitários, que precisam ser concedidos por lojistas ou moradores que ocasionalmente se dispõem a ajudar o Gari. Nota-se aqui, o risco a saúde do trabalhador, ocasionado pela precarização das condições de trabalho.

Eu mesmo só vou no banheiro na hora eu chego ou na hora que eu volto. Geralmente agora quando tá muito apertada a gente entra no mato abaixa ali ou então põe um saco nas pernas e pronto. (P4).

Ontem eu tive que ir na casa de um conhecido e dei graças a Deus por ter esse conhecido no meu caminho. (P3).

Se for homem é mais fácil, no caso de urinar né, agora pra mulher acho que é mais difícil, as vezes tem que ir no bar. (P5).

Em relação a gestão, quando surge algum comportamento contrário às normas, o líder encaminha a situação para o comitê de ética da organização para providências. Ressalta-se que não é sempre que há compreensão quando surgem dificuldades na realização da atividade.

Digamos que é compreensiva, no meu ponto de vista [...] às vezes até há uma certa compreensão quando às vezes assim a gente num tá dando conta de tal coisa devido alguma doença, alguma coisa assim que a gente conversa chega num acordo de alguma coisa que a gente pode tá fazendo pra gente não precisar ter que perder o dia justamente por não conseguir executar uma função mais pesada naquele dia. (P3).

O material de trabalho, como luvas, botas, uniformes, carrinhos, vassouras, sacos de lixo, enxadas e pás, são fornecidos pela empresa, no entanto é insuficiente, desta forma alguns até compram seu próprio material para trabalhar. Mas há indícios de melhoria quanto ao fornecimento do material, na gestão atual.

Tenho observado que tem uns materiais novos chegando, aí isso quer dizer que dá uma certa melhorada. Mas o que acontece esses material que é um material que se desgasta rápido quando isso acontece a gente tem que improvisar do jeito que dá. (P3)

Ou seja, você compra. (P4)

Muitas vezes, por exemplo, eu tô com uma ferramenta assim que não tá me dando satisfação de trabalhar e pela cobrança aqui eu compro minhas condições própria por eu quero me sentir bem. (P2)

Os trabalhadores são supervisionados diariamente por um supervisor que comparece até o trecho de cada gari e tira uma foto do trecho para confirmar se a atividade está sendo exercida com os equipamentos de proteção e da forma correta, demonstrando assim o controle exercido pela organização.

Olha como o funcionário já conhece o circuito a região que ele está o próprio funcionário sai daqui já com sua definição e aí a gente é visitado pelos comandantes. (P2)

É todo, todo dia. (P5)

Quando chega lá (no percurso) eu começo a varrer 9:00 horas, e alguém chega lá tira minha foto e tira a placa de onde eu tô. (P1).

Segundo o grupo, as regras são passadas ao trabalhador, assim que ele ingressa na instituição após aprovado em concurso, mas atualmente todos declaram saber as funções de cada um, revelando o modelo de gestão da organização.

É porque nunca teve mudança de função, a maioria aqui são todos concursados quando fez o concurso eles dizem: “Olha é assim, assim, assado”. E tem uns que até hoje cumpre rigorosamente o que foi falado quando entrou. (P1).

Não há reuniões mensais ou qualquer programa de desenvolvimento. Para reclamações, há uma ouvidoria que oferece suporte, mas nem todos são adeptos. No geral, eles afirmam que o líder imediato ouve as demandas e reclamações dos trabalhadores, mas eles ressaltam que precisa haver mais diálogo entre os gestores e os trabalhadores, mostrando a necessidade de um espaço para discussões, para que os trabalhadores possam repensar sobre o exercício de sua atividade, propondo assim possíveis melhorias (GHIZONI et. Al, 2015).

Essa administração passada mesmo que ela citou que teve algumas administrações conturba, realmente alguns garis se sentiram ofendido de alguma forma, começaram a registrar a reclamação lá na Vila Aurora, que é a sede, e é justamente por causa dessas reclamações que houve as mudanças. (P3).

Ultimamente tá faltando mais diálogo sabe, da parte deles. (P2).

Para realização da atividade em equipe, eles consideram o respeito como fator essencial, percebe-se o uso da estratégia de cooperação para a boa convivência em equipe.

A gente se dá bem com um outro não, mas respeita todo mundo. Tem um que a gente brinca de mais, tem um que a gente nunca falou comigo e a gente tem que respeitar, é porque é muita gente cada um tem a natureza diferente e a gente procura respeitar cada um. (P1).

Quanto as relações socioprofissionais, a sociedade pode colaborar de uma forma direta, conservando o serviço de limpeza prestado pelos trabalhadores na porta de suas residências.

O que acontece demais: você termina de varrer, quando você dá as costas o morador vem e suja tudo de novo ,é difícil é complicado. (P1).

E o interessante da pessoa, quando o trecho ta muito sujo e ele é caprichoso, é ele não olhar pra traz, porque ele olhar pra traz, ele fica contrariado, porque naquele lugar que ele deixou mais ou menos, ta mais sujo, porque a mulher vem lá e joga trem. (P2).

No exercício de sua atividade, os Garis trabalham oito horas diárias, expostos a diversos fatores ambientais, como sol, chuva, poluição do ar e sonora, dentre outras. Eles correm, andam jornadas extensas, levantam peso, e trabalham arduamente (LAZZARI; REIS, 2011). As atividades diárias dos garis varredores desta pesquisa são: (I) a varrição das vias públicas, coletando os mais variados tipos de resíduos sólidos; como folhas, embalagens, e outros componentes descartados pela população, (II) acondicionamento do lixo coletado em sacos plásticos e a (III) colocação dos sacos nas lixeiras para posterior retirada pela equipe do caminhão - garis coletores.

## **b) Prazer e sofrimento no trabalho**

Dentre os fatores geradores de sofrimento mencionado pelos garis, eles mencionaram a falta de colaboração de parte da população quanto a cobrança de varrição das ruas, e quanto ao tratamento com os trabalhadores.

Essa falta de colaboração aí que ele abordou, se passa ontem na rua, hoje se passa a pessoa vira pra você: “Tem 10 anos que você não passa aqui.” Aí pra você não chamar a pessoa de mentiroso que é meio forte, se pega e fala assim: “Eu lembro que esse dia eu passei aqui” de uma forma sutil né. (P3)

Um outro ponto também que eu estava observando e acredito que aqui vários de nós já passou por isso também: a falta de consciência também das pessoas de fora, se tá varrendo ali tem um que vem atrás recolhendo, o motorista tá vendo o monte enorme na frente dele ele tem que parar o carro no meio do monte. Eu conheço colaborador que estressa e fala alto com o motorista, eu não falo nem alto e nem peço com educação porque hoje em dia no mundo que se tá vivendo, se arruma confusão fácil demais. (P3)

O sofrimento, oriundo da organização do trabalho, pode ser transformado em prazer por meio da subversão da prescrição (DEJOURS, 2012), formando então as estratégias defensivas, como ocorre no comportamento do trabalhador mencionado na fala abaixo, em que ele entende que na nova escala de trabalho proposta pela empresa, ele acaba trabalhando mais, no entanto ao considerar que ele pode chegar mais cedo em casa, ele consegue ressignificar esta situação.

A empresa viu por bem que colocava de 7:00 hora até as 10 pras 16:00, ai resolveu dar o trecho, então o que acontece, a gente às vezes trabalha mais do que se fosse no horário de 10 pras 16:00, experiência tem viu, mais a gente trabalha porque em parte agora a gente chega em casa mais cedo pois tem outras atividades e outras coisas para fazer. (P1).

Os garis varredores, também organizam os lixos em sacos para posterior recolhimento pelos garis coletores. Mas segundo eles, alguns catadores de recicláveis rasgam os sacos de lixo prejudicando a atividade de coleta. Os trabalhadores, mesmo não tendo domínio sobre o ocorrido, são injustamente cobrados pelos supervisores.

Aí vem o catador, porque nois tá tendo esse problema demais, o catador vem tem possibilidade de rasgar e ver o que tem e deixa (rasga o lixo e deixa aberto) aí vem o supervisor atrás e fala: “Ó, mas vocês deixaram aquilo ali”. Mas não somos nós. Existe esse tipo de coisa demais, certo? (P2)

Tem um pessoal que faz reciclagem né, o saco a gente tá colocando certinho lá, mas eles rasgam e deixa tudo bagunçado. Tem que arrumar, tem vez que a gente já passou. (P5)

O relato abaixo, demonstra como os trabalhadores vivenciam experiências de sofrimento, advindo da exposição a condições adversas e inesperadas do trabalho nas vias urbanas, deixando claro que o real do trabalho traz consigo situações não previstas na prescrição das normas.

Não sei se serve como exemplo, o local que a gente tá trabalhando principalmente sozinho de longe você vê aquelas pessoas assim se aproximar de você e se já olha assim já fica ressabiado (desconfiado) você não sabe a hora que ele vai chegar e falar “perdeu, perdeu” ou então outras coisas mais, e você tá enrolado sozinho no meio do nada só Deus com a misericórdia divina dele pra fazer um livramento. (P3).

Segundo outro fator de melhoria, é o reajuste de salário. Demonstrando que existe uma falta de reconhecimento e incentivos da instituição, o que também gera sofrimento ao trabalhador (DEJOURS, 2011)

Não chega ser assim mais só que tinha que melhorar muito pra enquadrar no serviço digamos assim mais bem executado. (P3)

Incentivo também. Aqui dificilmente você vê comentários (e quando surgem são do tipo): “No próximo no mês vai ter aumento de 3% dividido em 3 vezes”. Isso não é aumento. (P2).

3 anos que (o salário) não aumenta. (P5).

O tratamento da sociedade para com os profissionais da varrição, também gera sofrimento ao trabalhador, conforme exposto no discurso abaixo.

Enquanto tem aquele que você pede uma água e não ganha nem da torneira, tem aquele que te dá uma água gelada, então é meio a meio. (P3).

Mas que dá desânimo, dá. Se deixa tudo limpinho e de repente se chega lá tá pior (do que antes). Aí vai seguindo em frente. (P1).

Alinhado aos objetivos de identificar fatores geradores de prazer e sofrimento, no quesito reconhecimento externo, os trabalhadores entendem que há quem valorize e reconheça a importância do trabalho prestado pelos profissionais, fator gerador de prazer. Por outro lado, como fator de sofrimento, percebe-se na fala do participante abaixo que há outra parcela da população que age de forma contrária, revelando a existência de estigmas sociais associado a imagem do Gari, o que impacta diretamente sobre a saúde do trabalhador (CELEGUIM; ROESLER, 2009).

Bom, a gente abordou a falta de compreensão, mas digamos uma palavra assim a sociedade não é um monstro em si a sociedade tem um lado bom e um lado ruim, no dia a dia a gente percebe isso eu mesmo não sei os demais aqui só que já vi muita gente assim chegar na gente e falar palavras bonitas a respeito do serviço da gente, a respeito do dia a dia dando os parabéns por tá executando o serviço, e tem aqueles que fala que a gente não fez o serviço e tudo aquilo, mas tem muita gente que reconhece. (P3).

Desses 6 anos que eu tô na empresa eu já achei umas aqui outro acolá pra poder dar um grito falar alguma coisa assim atravessada, mais só que a gente acho demais pessoas assim que ajuda a gente que dá alguma coisa ou se tem outra que reconhece o serviço da gente, que fala palavras bonitas a respeito dos serviços da gente, então isso aí são tudo fator positivo. (P3).

### **c) Estratégias de Enfrentamento**

Como estratégia de enfrentamento, para suportar o trabalho intenso, e se manter normal diante dos sofrimentos oriundos da sua atividade, eles ressignificam, ao buscarem trabalhar com leveza, sorrindo, conversando com o colega da equipe, sempre que possível. E alguns se amparam com ajuda de sua espiritualidade, demonstrando o uso de estratégias de enfrentamento coletivas, utilizadas para que eles se mantenham sob um estado de equilíbrio psíquico mesmo ante as situações que geram sofrimento (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

E a convivência, precisa de orientar o funcionário; muitas vezes você tem que pôr um pouco de humorismo, tem gente que não gosta pra não ficar tão sem graça né. (P2).

Amar a Deus em primeiro lugar e nos gostar do que fazemos, então é isso que dá força para nos suportar. É saber que no final do mês se tem que pagar seu aluguel, se tem que colocar seu sustento em casa, se tem suas criança em casa, ou tem a prestação da sua casa, ou tem uma continha ali pra pagar. (P6).

Uai, nós somos seres humanos, a gente tem que fazer a nossa parte e falar assim eu vou vencer. Primeiramente você tem que ter uma ideia formada, falar não, eu vou mas Deus vai na minha frente, eu vou conseguir. Se você tiver fé, você vence. (P5).

Mesmo com o relato dos trabalhadores que retrata a intensa precarização do trabalho, eles buscam ressignificar que a varrição não é um trabalho precarizado, transformando sua realidade, ao defender o pensamento de que sua profissão é digna, e reconhecendo-se como protagonista de sua profissão (GIONGO et. al., 2015). Percebe-se com isso, o uso de estratégias defensivas de negação do perigo por eles vivenciado.

É muito bom você ter vindo aqui fazer essa entrevista com nois. Essa profissão ela é muito sofrida, mas é muito digna também, porque todo serviço é digno. É uma profissão que ainda aí fora as pessoas discriminam muito a grande realidade é essa, mas a gente estamos aí para fazer o que deve fazer. É uma responsabilidade nossa. (P1).

Ante ao sofrimento vivenciado diariamente e as adversidades da atividade, o gari tem o desafio de superar as dificuldades do seu trabalho. Para isso, ele precisa compreender seu papel, para a construção de uma “emancipação profissional” (GIONGO et. al., 2015).

#### **d) Saúde e adoecimento no trabalho**

Eles buscam ânimo, mesmo em meio a circunstâncias adversas e estressantes, isto possibilita ao trabalhador o ressignificar de situações que poderiam degradar sua saúde psíquica, esta ação relaciona-se com a proposta da teoria da Psicodinâmica do trabalho, e mostra sua importância na possibilidade de o trabalhador, ao ressignificar o sofrimento, fazer da organização do trabalho um meio de geração de saúde e prazer (DEJOURS e MOLINIER, 2011; MENDES e ARAUJO, 2012).

Às vezes a gente dá umas derrapada, igual ele falou que as vezes a gente frustra, estressa com alguma coisa, mas tem até uns amigos do meu companheiro que dá umas palavras de ânimo pra gente, lembra a gente que o foco não é aquele sofrimento, que o foco é algo melhor, que é Deus acima de tudo. Apesar dos pesar, uns dias mais outros dias menos a gente vai procurando se elevar cada vez mais. (P3).

E também a gente pensa no “salarinho” no final do mês. (P4).

É divertido né, eu gosto eu acho melhor trabalhar na rua do que em um ambiente fechado. (P4).

Eu também (gosto). Eu trabalhei 6 anos no colégio. Mas eu gosto de trabalhar na rua, oh você conhece pessoas novas, você não fica com pensamentos nos outros, aqueles problemas de casa ficam pra lá, você se distrai eu gosto. (P5).

Você se distrai também. (P4).

É o meu trabalho é que nem eu te mostrei uma foto ali, quer dizer eu nasci no trabalho e vivo no trabalho quando não tem ele eu sinto falta, certo? Porque eu sou feliz no que eu aprendi a fazer desde criança eu aprendi a andar segurando um cabo de uma “sem graça” (enxada) puxando né? (P2).

Ao organizarem os sacos de lixos das lixeiras das ruas, que podem estar pesadas, os Garis estão expostos a riscos físicos à sua saúde, correndo o risco de se machucar com algum objeto cortante contido no saco de lixo.

É porque muitas veze se chega na lixeira e eles (gestores) estão pedindo pra gente organizar, e aí se a gente por exemplo tem muita garrafa se põe num saco meio pesado o próprio coletor vem tá muito pesado, ele deixa por ali. (P2).

Ainda concernente aos riscos que o Gari da varrição está exposto diariamente, o risco de exposição ao sol, de acidente, assalto, e ataque por animais foram mencionados na expressão dos trabalhadores. Confirmando a explicação de LAZZARI e REIS (2011).

Acidente de carro né carro bater na gente, que mais. (P4).

Problema com algum meliante. (P3).

Eu mesmo, uma moto me atropelou, quando ia atravessando a rua. Atropelou eu quebrei até um dedo, meu tornozelo é cheio de parafuso. (P5).

Pega sol, câncer de pele essas coisas. (P4).

Muito carro a cidade tem pouco sinaleiro, aquelas rotatória perigosa e a gente com esses carros. (P1).

Cachorro. Ave maria morro de medo de cachorro. (P4).

Em conformidade com o que MENDES (2007) explicou, a mobilização subjetiva dos trabalhadores se evidencia nas falas abaixo, em que, apesar das intempéries vivenciadas diariamente, os Garis dizem que já se acostumaram à rotina. Fica claro no relato abaixo o adoecimento no trabalho, ao buscarem se adaptar para conseguir trabalhar, as consequências se refletem diretamente sobre a saúde do trabalhador.

No começo se começa assim, se sente cansado, não aguenta o sol, dá vontade de desistir, mas depois vai indo. As pernas parecem que vai sair do corpo de tanta dor, mas depois se acostuma. Tudo é caso de costume. Se acostuma, se vai indo seu corpo acostuma com aquilo, se cansa um pouco mas não cansa daquele tanto que você cansava quando você entrou. (P4).

Vou aproveitar o detalhe, que eles já viram em mim e costuma falar. A gente tem que saber o que tá prejudicando o rendimento da gente, o porquê que o corpo da gente não tá obedecendo a ligação da mente. Muitas vezes alguém chega em mim, “Senhor (nome dele) porque que o senhor está mancando?” Essa é a minha condição. Não é que eu estou mancando, é o meu modo de andar que mudou. Mas é que no momento, eu achei que tinha que passar por aquilo, pra obedecer ao meu íntimo, a minha capacidade. (P2).

Por mim mesmo eu não daria conta, eu mesmo tenho um problema de coluna seríssimo, Hérnia de disco, mas eu falei assim, se Deus está me dando a oportunidade de voltar pra rua eu vou voltar, porque ele ta na minha frente, e tô dando conta. (P5).

## **Considerações Finais**

O conteúdo da fala dos trabalhadores favoreceu a análise e compreensão acerca os desafios e a forma como se dá a organização do trabalho em que os garis estão inseridos, suas vivências de prazer e sofrimento, os mecanismos de subjetivação dos trabalhadores e a identificação dos diversos fatores que podem levar o trabalhador ao adoecimento psíquico e físico. Em seu cotidiano laboral, a organização do trabalho se constitui em percorrer um longo trajeto nas ruas da cidade, equipe de trabalho reduzida, falta de equipamentos adequados, falta de condições sanitárias mínimas e supervisão direta. As vivências de prazer se apoiam no relacionamento com os colegas de trabalho, já as vivências de sofrimento se constituem na falta de apoio da sociedade e medo decorrente da exposição ao perigo. Como estratégias de enfrentamento eles fazem demonstrações de humor, fé religiosa, esperança e apreço pela profissão. Quanto à saúde e adoecimento no trabalho, são acometidos por dores nas pernas, problemas na coluna e estresse.

Ao estudar o discurso dos garis da varrição, foram identificadas variadas circunstâncias geradoras de sofrimento, como o risco de desenvolver câncer de pele, o risco de atropelamento nas ruas, a falta de educação de parte dos moradores, o risco de ataques de animais das ruas, e o risco de assalto nas ruas. Apesar de diversos fatores tornam a atividade nas ruas árdua, eles demonstram força de vontade e gosto pelo que fazem. Evidenciando a mobilização subjetiva dos trabalhadores, que contribui para ressignificar o sofrimento do seu contexto de trabalho.

Por estratégia defensiva pôde-se verificar ainda, que a maioria deles utilizam da interação diária com a equipe e da espiritualidade para transformarem sua atividade intensa em um trabalho menos penoso, onde grande parte deles ainda sim, conseguem dar sentido ao seu trabalho.

Percebeu-se que há uma demanda da parte dos trabalhadores de um espaço para discussões entre trabalhadores e gestores, para que esses possam, conforme propõe a teoria deste estudo, repensar sobre sua atividade e assim sugerirem possíveis melhorias, promovendo a saúde do trabalhador.

Esta pesquisa contribui com a literatura relacionada ao tema em questão. Foram consultadas as principais bases de artigos, e notou-se uma certa escassez de pesquisas especificamente relacionadas ao trabalho dos garis da varrição, e principalmente de pesquisas brasileiras que relacionem a teoria da Psicodinâmica do Trabalho ao trabalho destes profissionais da limpeza, pois grande parte das pesquisas concentram seu foco apenas no âmbito da coleta de lixo domiciliar, destarte, recomenda-se a realização de futuros estudos neste ramo de pesquisa.

Este trabalho está associado à fatores relacionados ao processo de limpeza urbana que dizem respeito a fatores de risco da atividade dos garis, que apesar de serem estigmatizados pela sociedade (CELEGUIM; ROESLER, 2009), por trabalharem com algo sujo: o lixo, são peças-chave para a promoção de saúde, em detrimento da limpeza urbana.

Diante aos riscos vinculados a atividade de coleta de resíduos sólidos, esta pesquisa torna-se uma proposta de discussão das condições de trabalho destes profissionais para de alertar o poder público e a sociedade para promoção de ações de melhorias nas condições de trabalho e na política de valorização destes trabalhadores. Além de proporcionar uma melhor compreensão acerca da importância do trabalho desenvolvido por eles, visando a redução de estigmas sociais e a valorização destes profissionais.

Esta temática demonstra sua relevância ao discorrer sobre a importância do trabalho dos garis na dimensão social, como responsáveis pelo asseio urbano, promovendo uma quebra de estigmas sociais a respeito destes trabalhadores, e a partir de uma melhor compreensão, amplificar o exercício da cidadania.

## Referências

ANJOS, F. B. **Organização do trabalho**. In: VIEIRA, F. (org). Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CELEGUIM, C. R. J.; ROESLER, H. M. K.N. **A invisibilidade social no âmbito do trabalho**. Revista Científica da Faculdade das Américas, ano III, nº 1, v. 3, 2009.

DEJOURS, Christophe. **A metodologia em psicodinâmica do trabalho**. In S. Lancman, e L. I. Sznelwar (Orgs) In Christophe Dejourns: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (Tradução: Franck Soudant). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 3ª. Ed, 2011. Cap. 2, p. 125-150, 2011.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 1987.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e Saúde Mental: da pesquisa à ação**. In.: DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. e JAYET, C. Psicodinâmica do Trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. e ABOUCHELI, E. Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: DEJOURS, Christophe. ABDOUCHELI, E. e JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do Trabalho: Casos Clínicos**. Porto Alegre: DUBLINENSE, 2017.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo** (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação**. Prod., São Paulo , v. 14, n. 3, p. 27-34, dez. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 09 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. **Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 803-814, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 09 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-01>.

GHIZONI, L. D.; MEDEIROS, S. N. de; CARVALHO, G. M. de; MORAES, R. D. de; SANTANA, P. M.; MAGNUS, C. de N; MERLO, A. R. C.; LIMA, P. A. M.; MENDES; A. M. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho: a prática em diversos contextos de trabalho**. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 1, n. 1, p. 74-94, 14 jan. 2015. Disponível em <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/796>> Acesso em 09 de outubro de 2019.

GOMES, Claudia da Cruz; OLIVEIRA, Rafael Santos de. **Agentes de limpeza pública: um estudo sobre a relação prazer/ sofrimento no ambiente laboral**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 33, n. spe, p. 138-153, 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000500014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 Outubro de 2019.

GOUVEIA, Nelson. **Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p.1503-1510, 2012.

LAZZARI, M. A.; REIS, C. B. **Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 8, p. 3437-3442, 2011.

MADRUGA, R. B., & LOUREIRO, M. B. **Cargas de trabalho encontradas nos coletores de lixo domiciliar – um estudo de caso.** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2002.

MENDES, Ana Magnólia. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método, pesquisas.** 01ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A. M. e ARAUJO, L. K. R. 2. **Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação.** Curitiba: Juruá. 154 p, 2012.

MENDES, A. M., & DUARTE, F. S. **Notas sobre o percurso teórico da Psicodinâmica do Trabalho.** Em: Freitas, L. G. (coord.) *Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente – pesquisas brasileiras* (pp. 13-24). Curitiba: Juruá, 2013.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**, 2019. 5142: Trabalhadores nos serviços de coleta de resíduos, de limpeza e conservação de áreas públicas. Disponível em <<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/514215-varredor-de-rua>> Acesso em 30 de Setembro de 2019.

PAVELSKI, E. C. **Aspectos ergonômicos para evitar lesões microtraumáticas em joelhos de coletores de lixo, na cidade de Curitiba, estado do Paraná.** 2004. 127 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ROBAZZI, M. L. C. C. et al. **Algumas considerações sobre o trabalho dos coletores de lixo.** *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, v. 20, n. 76, p. 34-41, jul./dez. 1992.

ROBAZZI, M. L. C. C.; BECHELLI, M. H. M. **Coletores de lixo: estudo de afastamentos do serviço por problemas de saúde.** *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, v. 13, n. 50, p. 68-74, abr./jun., 1985.

SILVA, E. P. **Condições de saúde ocupacional dos lixeiros de São Paulo.** *Rev. bras. Saúde ocup.*, São Paulo, v. 11, n. 42, p. 30-35, abr./jun. 1983.

SOBRE A COMPANHIA. **Companhia de Urbanização de Goiânia.** 2020. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/comurg/sobre-a-secretaria/> . Acesso em: 18 de Nov de 2018.

SOUS, Silvio. **Comurg comemora Dia Municipal do Gari.** Prefeitura de Goiânia, 2018. Disponível em:

<<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=14639&fn=true>> Acesso em: 28 de setembro de 2019.